

# Encontro com as culturas

**Josaphat Marinho**

A presença do papa João Paulo II na Bahia, de par com os atos litúrgicos, foi marcada por expressiva solemnidade de congraçamento intelectual: o “encontro das culturas”. Conquanto realizada no ambiente austero da Catedral Basílica, nela o chefe da Igreja de Roma quis conferir impressões “com os representantes do mundo da cultura, da ciência, da arte, da empresa”.

Bem informado, atentou em que na Bahia se apura “a presença viva e atuante de um só povo com muitas raças e culturas”. Por isso mesmo estavam reunidas personalidades de origens, profissões, formação intelectual e tendências filosóficas e políticas diversas. Sem preconceitos, foram convidadas a participar de uma assembleia da inteligência, de alta espiritualidade, porém destituída de exigência dogmática. Daí o teor de a homilia ser uma reflexão sobre a vida, especialmente a da cultura, embora inspirada, como natural, no pensamento cristão.

Já no seu pórtico, a fala pontifícia recorda e afirma que “a cultura é um estilo comum de vida que caracteriza um povo e comprehende o conjunto dos valores que o animam e dos anti-valores que o enfraquecem”. A objetividade do conceito revela que a

Igreja Católica, sem desprezar sua finalidade espiritual, está preocupada com os dados materiais da existência humana. Considera os “valores” que “animam” o homem, bem como os “antivalores que o enfraquecem”. Vale dizer que reconhece contradições no corpo social, e que são, obviamente, prejudiciais ao princípio de igualdade. Nesse juízo está pressuposta a convicção, digna da ordem democrática, de que não há povo feliz em regime de desigualdades excessivas.

A homilia salienta, aliás, que “a liberdade, de que o homem está dotado leva-o a não conviver somente com a natureza ou a ela simplesmente se adaptar, mas a viver bem”. Porém não basta o “viver bem”, genericamente considerado. É preciso situá-lo em termos comparativos, dentro da sociedade complexa e dividida por privilégios. A cláusula subsequente da oração papal é de rigorosa sabedoria. Observa que “a esta exigência fundamental de viver bem se acrescenta o conceito de bem-estar, a necessidade de uma qualidade de vida da qual não se pode dissociar uma exigência ética fundamental”. O zelo pela “qualidade de vida” traduz o sentimento de justiça social, inerente a toda instituição e a toda consciência não maculadas por vícios de grandeza artificial, ou ilegítima.

Mas não haverá cultura que assegue-

re e preserve a qualidade de vida, sem educação adequada. Percebendo nossas deficiências, o pontífice pediu “esforço a qualquer custo” para combater “o percentual de analfabetos, sobretudo na área rural, o drama da evasão escolar nos primeiros anos do ciclo primário”. Lucidamente não reduziu a esse alcance a luta reclamada. Porque não é suficiente alfabetizar. Urge preparar para a vida, nos seus múltiplos caminhos. A homilia então aponta a direção certa: “O progresso verdadeiro de um país se mede pela possibilidade de acesso dos seus jovens aos estudos universitários, com sua dupla função de formar profissionais de nível superior e de realizar e promover a pesquisa pura e aplicada”. É a visão humanista de habilitar o homem para os embates qualificados da vida.

Todo o documento pontifício, diga-se com isenção, está revestido desse espírito amplo, que busca, com o preparo, a dignidade do homem. Se pode haver divergência de origem filosófica, é incontestável a correção do estilo, por sua sobriedade e pelo respeito à liberdade de pensamento. A civilidade do convite correspondeu a postura liberal e humanística que presidiu ao ato.

■ **Josaphat Marinho** é senador pelo PFL da Bahia